tudo o que eu sei sobre ~~festas~~, ~~encontros~~, ~~amigos~~, ~~trabalho~~, ~~a vida~~, o amor

dolly alderton

intrínseca

Tudo o que eu sei sobre o

am

dolly alderton

or

tradução
Ana Guadalupe

intrínseca

Copyright © 2018 by Dolly Alderton

TÍTULO ORIGINAL
Everything I Know About Love

COPIDESQUE
Stella Carneiro

PREPARAÇÃO
Júlia Ribeiro

REVISÃO
Rayana Faria
Juliana Pitanga
Thais Entriel

CAPA ORIGINAL
StudioHelen

ADAPTAÇÃO DE CAPA,
PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
E DIAGRAMAÇÃO
Anderson Junqueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A335t
Alderton, Dolly, 1988-
Tudo o que eu sei sobre o amor / Dolly Alderton ;
tradução Ana Guadalupe. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2022.

Tradução de: Everything i know about love
ISBN 978-65-5560-457-3
1. Ficção inglesa. I. Guadalupe, Ana. II. Título.

22-76719 CDD: 823
CDU: 82-3(410)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária
CRB-7/6643 18/03/2022 23/03/2022

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1ª edição
JULHO DE 2022

impressão
IMPRENSA DA FÉ

papel de miolo
PÓLEN SOFT 70G/M²

papel de capa
CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M²

tipografia
TUNA

Para Florence Kleiner

Tudo o que eu sabia sobre o amor quando era adolescente

O amor romântico é a coisa mais importante e maravilhosa do mundo. Se você chegou à vida adulta e não encontrou o amor, então fracassou, como tantas das minhas professoras de educação artística que têm cabelo ressecado, usam bijuterias inspiradas em várias culturas e são sempre chamadas de "senhorita", em vez de "senhora".

É importante transar muito e com muitas pessoas, mas provavelmente com não mais do que dez.

Quando for uma mulher solteira em Londres, vou ser muito chique e magra, usar vestidos pretos e beber martíni e só vou conhecer homens em eventos de lançamento de livros e vernissages.

Você sabe que é amor verdadeiro quando dois caras saem no soco por sua causa. O ideal é quando sai sangue, mas ninguém vai parar no hospital. Um dia isso vai acontecer comigo, se eu tiver sorte.

É importante perder a virgindade depois dos dezessete anos, mas antes de completar dezoito. Sério: mesmo se for

na véspera, não tem problema, mas, se chegar no seu décimo oitavo ano de vida ainda virgem, você nunca vai transar.

Você pode beijar quantas pessoas quiser, e tudo bem, não quer dizer nada, é só treino.

Os caras mais legais são sempre altos e judeus e têm carro.

Os caras mais velhos são os melhores, porque são mais sofisticados e experientes, além de serem um pouco menos exigentes.

As amigas que começam a namorar ficam chatas. Uma amiga que tem namorado só é legal se você também estiver namorando.

Se você *nunca* perguntar sobre o namorado da sua amiga, ela vai acabar entendendo que você acha esse assunto um tédio e vai parar de falar dele o tempo todo.

É uma boa ideia esperar um pouco para se casar, depois de aproveitar a vida. Aos 27 anos, por exemplo.

Eu e Farly nunca vamos nos interessar pelo mesmo cara, porque ela prefere os baixinhos e engraçados, tipo o Nigel Harman, e eu gosto dos mais másculos e misteriosos, tipo o Charlie Simpson, da banda Busted. É por isso que a nossa amizade vai durar para sempre.

Nunca mais vou viver nada tão romântico quanto o dia em que eu e a Lauren fomos tocar no evento de Dia dos Namorados em um pub esquisito em St. Albans e eu cantei "Lover, You Should've Come Over" e o Joe Sawyer sentou na frente e fechou os olhos porque antes a gente tinha falado sobre o Jeff Buckley e, resumindo, ele é o único menino que me entende de verdade e pensa parecido comigo.

Nunca mais vou viver nada tão constrangedor quanto o dia em que tentei beijar o Sam Leeman e ele se afastou e eu caí.

Nunca mais vou viver nada tão triste quanto o dia em que o Will Young contou que era gay e eu tive que fingir que não ligava, mas chorei e queimei o livro de couro que tinha ganhado na crisma e no qual tinha escrito sobre a vida que teríamos juntos.

Os meninos adoram quando você é grossa com eles e acham que é coisa de criança e patético se você for boazinha demais.

Quando eu finalmente tiver um namorado, quase mais nada vai ter importância.

Para alguns, o som que definiu a adolescência foi o dos gritinhos de alegria dos irmãos brincando no quintal. Para outros, foi o barulho da correia da bicicleta preferida subindo e descendo aos solavancos. Alguns podem se lembrar do canto dos pássaros no caminho da escola, do som de risadas ou das bolas de futebol sendo jogadas no parquinho. Para mim, foi o som da internet discada da AOL.

Lembro até hoje, nota por nota. Os primeiros toques telefônicos agudos, os barulhinhos fracos e entrecortados que sinalizavam o início da conexão, a nota estridente e contínua que avisava que estava dando certo, seguida por duas batidas ásperas e graves e um chiado. E depois o silêncio mostrava que o pior já tinha passado e você tinha conseguido. "Bem-vindo à AOL", dizia uma voz suave que enfatizava o "O". E, logo depois, "você recebeu um e-mail". Eu ficava dançando pelo quarto ao som da discagem da AOL, para ver se aquela agonia passava mais rápido. Fiz uma coreografia

com passos que tinha aprendido no balé: um *plié* para os toques, um *pas de chat* nas batidas. Repetia esse ritual toda noite quando chegava da escola. Porque essa era a trilha sonora da minha vida. Porque eu passei a adolescência na internet.

Uma breve explicação: eu cresci em uma área residencial afastada do centro de Londres. É isso; essa é a explicação. Quando eu tinha oito anos, meus pais tomaram a cruel decisão de sair de um apartamento de subsolo em Islington e ir morar numa casa maior em Stanmore — a última parada da linha de metrô Jubilee e um dos pontos mais distantes da zona norte de Londres. Era o limite vazio da cidade, uma região que via a diversão de longe, mas não podia participar da festa.

Quando se cresce em Stanmore, você não é nem uma pessoa da cidade, nem uma pessoa do interior. Eu morava longe demais para me enturmar com a galera descolada que frequentava as festas da boate Ministry of Sound, que falava com aquele sotaque charmoso e usava roupas vintage incríveis compradas em brechós em Peckham Rye que sempre eram muito melhores que a média. Mas eu morava longe demais de Chilterns para ser uma daquelas adolescentes coradas que viviam na natureza, usavam blusas de tricô antigas, aprendiam a dirigir o Citroën do pai aos treze anos, faziam caminhadas e tomavam ácido na floresta com os primos. O subúrbio do norte de Londres era capaz de esvaziar a identidade de qualquer um. Era tudo tão bege quanto os tapetes felpudos que decoravam todas as casas, sem exceção. Não havia arte, nem cultura, nem prédios antigos, nem parques, nem lojas que não pertencessem a conglomerados, nem restaurantes. Havia clubes de golfe, franquias de restaurantes italianos, escolas particulares,

garagens, rotatórias, centros comerciais e shoppings com telhado de vidro. As mulheres eram todas iguais, as casas eram construídas do mesmo jeito, os carros eram sempre os mesmos. A única forma de se expressar era gastando dinheiro em bens homogeneizados — estufas no jardim, reformas para ampliar a cozinha, carros com GPS integrado, férias em resorts *all-inclusive* em Maiorca. Se você não jogasse golfe, não quisesse fazer luzes no cabelo ou não gostasse de visitar concessionárias Volkswagen, não tinha absolutamente nada para fazer.

Era ainda pior se fosse uma adolescente que vivia à mercê da disponibilidade da mãe para levá-la aos lugares com o supracitado Volkswagen modelo Golf GTI. Por sorte eu contava com a minha melhor amiga, Farly, que morava a cinco quilômetros de bicicleta da ruazinha sem saída onde eu morava.

Na minha vida, Farly era, e continua sendo, diferente de todas as outras pessoas. Nós nos conhecemos na escola aos onze anos. Ela era, e é até hoje, meu completo oposto. Ela tem cabelo escuro; eu tenho cabelo loiro. Ela é bem baixinha, eu sou bem alta. Ela planeja as coisas e marca tudo na agenda, eu deixo tudo sempre para a última hora. Ela ama organização, eu sou mais bagunceira. Ela ama regras, eu odeio regras. Ela é altruísta, eu acho que a torrada do meu café da manhã é tão importante que merece ser protagonista nas minhas redes sociais (em três perfis). Ela é muito focada no presente, eu estou sempre metade na minha vida, metade em uma versão fantástica de um mundo que só existe na minha cabeça. Mas, de algum jeito, a gente dá certo. A maior sorte da minha vida foi o dia em que a Farly se sentou do meu lado numa aula de matemática em 1999.

A programação do dia com a Farly era sempre a mesma: a gente ficava na frente da TV comendo montanhas de bagels e batatas chips (mas só quando nossos pais não estavam em casa — outra característica da classe média suburbana é o apreço especial por sofás e a proibição de qualquer tipo de comida na sala de estar) e assistindo a sitcoms americanas adolescentes na Nickelodeon. Quando já tínhamos visto todos os episódios de *Irmã ao Quadrado*, *Dose Dupla* e *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira*, íamos para os canais de música, encarando, boquiabertas, a tela da TV e alternando entre a MTV, a MTV Base e o VH1 a cada dez segundos, procurando um clipe específico do Usher. Quando nos cansávamos disso, voltávamos para a Nickelodeon e assistíamos, de novo, a todos os episódios das sitcoms americanas adolescentes que tínhamos visto uma hora antes.

Uma vez Morrissey disse que sua adolescência foi como "esperar por um ônibus que nunca passou": uma sensação que só piora quando você cresce num lugar que parece uma sala de espera pintada de bege. Eu vivia entediada, triste e solitária, e só conseguia torcer para que a minha infância passasse mais rápido. E, de repente, como um charmoso cavaleiro de armadura reluzente, surgiu a internet discada da AOL no computador desktop grandalhão da minha família. E depois veio o MSN.

Quando baixei o MSN e comecei a adicionar contatos de e-mail — amigos da escola, amigos de amigos, amigos das escolas da região, que eu não conhecia —, foi como se eu batesse na parede de uma cela de prisão e escutasse alguém bater de volta. Foi como encontrar grama em Marte. Foi como ligar o rádio e finalmente ouvir o chiado se trans-

formando em voz humana. Foi a minha fuga do marasmo suburbano e a minha chegada a um mundo resplandecente de vida humana.

Na minha adolescência, o MSN não era só uma maneira de manter contato com os amigos, era um lugar. É assim que me lembro, como uma sala na qual eu me sentava, fisicamente, por horas e horas toda noite e todo fim de semana até meus olhos ficarem injetados de tanto olhar para a tela. Mesmo quando saíamos do subúrbio e meus pais faziam a caridade de levar meu irmão e eu para passar férias na França, continuava sendo a sala na qual eu ficava todos os dias. A primeira coisa que eu fazia quando chegávamos a uma pousada era descobrir se tinham um computador com internet — em geral um desktop muito antigo num porão escuro —, e depois entrava no MSN e teclava por horas, sem vergonha nenhuma, enquanto um adolescente francês mal-humorado ficava sentado numa cadeira atrás de mim, esperando sua vez de entrar. O sol provençal brilhava lá fora, onde o resto da minha família relaxava na beira da piscina e lia, mas meus pais sabiam que, quando se tratava do MSN, era impossível me tirar de lá. Era onde todas as minhas amizades estavam. Era um espaço só meu. Era a única coisa que eu podia chamar de minha. Como eu disse, era um lugar.

Meu primeiro e-mail foi munchkin_1_4@hotmail.com, uma conta que criei aos doze anos na sala de informática do colégio. Escolhi o número 14 porque pensei que mandaria e-mails por apenas dois anos e depois aquilo ia virar coisa de criança, decidi aproveitar essa nova moda e suas muitas esquisitices até aquele e-mail parar de ser utilizado a tempo do meu aniversário de catorze anos. Só comecei a usar o MSN quando já tinha catorze, e nesse ínterim

também tentei usar willyoungehgato@hotmail.com para expressar minha nova paixão pelo vencedor da temporada de 2002 do programa *Pop Idol*. Também testei eu_adiva@hotmail.com para ver como seria, depois que arrasei interpretando o personagem sr. Snow numa montagem escolar do musical *Carrossel*.

Voltei a usar munchkin_1_4 quando baixei o MSN, e tirei proveito da imensa lista de contatos de amigos da escola que eu vinha acumulando desde a criação desse e-mail. E então vieram os garotos, e isso foi decisivo. Àquela altura eu não conhecia garoto nenhum. Na verdade, tirando meu irmão, meu priminho, meu pai e um ou dois amigos com quem meu pai jogava críquete, até então eu não tinha convivido com garoto algum. Mas o MSN trouxe os endereços de e-mail e as fotos de perfil desses novos e flutuantes Garotos-Fantasma; eram doados por várias meninas da minha escola — as que saíam com meninos aos fins de semana e depois, num ato de puro altruísmo, distribuíam o contato desses meninos pelo corpo discente. Esses garotos seguiam o mesmo circuito no MSN: todas as meninas da escola os adicionavam, e todas ganhávamos nossos quinze minutos de fama conversando com eles.

A origem dos garotos se encaixava em três categorias principais. A primeira: o afilhado da mãe de uma menina ou qualquer amigo da família com quem ela crescera. Esse menino geralmente era um ou dois anos mais velho que nós, era muito alto e desengonçado e tinha voz grave. Também entrava nessa categoria o vizinho de alguém que frequentava outra escola. A outra categoria era a dos primos ou primos de segundo grau de alguém. Por fim, havia os meninos que alguma menina tinha conhecido nas férias em família,

e essa era a opção mais exótica. Esse era o Santo Graal, na verdade, porque o menino poderia ser de qualquer lugar, inclusive de terras distantes como Bromley ou Maidenhead, e lá estava você, falando com ele pelo MSN como se estivessem na mesma sala. Que loucura, que aventura.

Eu logo enchi uma agenda com esses menores abandonados, dedicando a eles uma categoria à parte, intitulada "GAROTOS". Passava semanas falando com eles — sobre o que prestaríamos no vestibular, nossas bandas preferidas, o quanto a gente fumava e bebia e "até onde" tínhamos "chegado" com o sexo oposto (sempre uma grande obra de ficção elaborada com imenso cuidado). Claro, tínhamos pouca ou nenhuma noção de como os outros eram na vida real; isso foi antes de todo mundo ter celular com câmera ou perfil em redes sociais, então tudo o que tínhamos era a foto minúscula que a pessoa usava no perfil do MSN e a descrição que cada um fazia de si mesmo. Às vezes eu me dava ao trabalho de usar o scanner da minha mãe para digitalizar uma foto de um almoço ou de férias em família em que eu tivesse saído bem, e depois, com toda atenção, recortava minha tia ou meu avô no Paint, mas na maioria das vezes eu acabava desistindo no meio da tarefa.

No universo do colégio, o surgimento dos garotos virtuais trouxe todo um conjunto de conflitos e polêmicas inéditos. Eram incessantes as fofocas sobre quem estava conversando com quem. As meninas começaram a jurar fidelidade a meninos que nunca tinham visto pessoalmente, e para isso bastava adicionar o primeiro nome do menino ao seu nick, com estrelas e corações e underline dos dois lados. Algumas acreditavam estar num diálogo virtual exclusivo com um garoto, mas, à medida que brotavam, esses nicks

contavam outra história. Às vezes acontecia de meninas das escolas vizinhas que você nunca tinha visto te adicionarem só para perguntar se você estava conversando com o mesmo menino que ela. De vez em quando — e esse tipo de coisa virava uma história que umas contavam às outras para alertar sobre tal risco —, você sem querer revelava um relacionamento de MSN ao mandar por engano uma mensagem para o garoto com quem estava conversando na janela de uma amiga. Isso sempre gerava um drama nível Shakespeare.

O MSN possuía regras de etiqueta muito complexas. Se você e um garoto de que gostava estivessem on-line, mas ele não puxasse assunto, uma maneira infalível de chamar a atenção dele era sair e entrar de novo, porque assim ele receberia uma notificação da sua entrada e seria lembrado de que você estava ali, e com sorte isso levaria a uma conversa. Também tinha o truque de ficar on-line sem ninguém saber, caso você quisesse falar apenas com uma determinada pessoa, e era possível fazer isso sem que os outros soubessem. Era um cortejo vitoriano muito complicado e eu era uma participante afoita e disposta.

Essas longas correspondências raramente levavam a um encontro fora da internet, e, quando isso acontecia, era quase sempre uma decepção avassaladora. Tinha o Max com sobrenome hifenizado — um famoso sedutor do MSN, conhecido por enviar relógios Baby G para as meninas pelo correio —, com quem a Farly combinou de se encontrar na frente de uma banca de jornal em Bushey numa tarde de sábado, depois de meses de conversas pela internet. Ela chegou lá, olhou para ele e entrou em pânico, tanto que se escondeu atrás de uma lixeira. Ela observou enquanto ele ligava sem parar para o celular dela de um telefone público,

mas não conseguiu encarar a ideia de um encontro ao vivo e a cores e voltou a pé para casa. Eles continuaram conversando toda noite pelo MSN, por horas a fio.

Eu tive dois. O primeiro foi um encontro às cegas num shopping que durou menos de quinze minutos e foi um desastre. O segundo foi com um menino de um colégio interno da região, com quem eu me correspondi por quase um ano antes de finalmente marcarmos nosso primeiro encontro numa pizzaria em Stanmore. Passamos o ano seguinte numa espécie de relacionamento cheio de idas e vindas — mais idas, porque ele vivia trancado na escola. Mas de vez em quando eu ia visitá-lo, usando batom e levando uma bolsa cheia de maços de cigarro que eu comprava para ele, como um comediante enviado para entreter os soldados na Segunda Guerra Mundial. Ele não tinha acesso à internet no dormitório, então era impossível usar o MSN, mas tentávamos contornar essa questão com cartas semanais e longos telefonemas que levaram a uma conta mensal de telefone fixo de três dígitos e muitos fios de cabelo branco para o meu pai.

Aos quinze anos, comecei um romance mais intenso do que qualquer outro que já tinha acontecido nas janelas do MSN quando fiz amizade com uma menina de cabelo revolto, sardas e olhos amendoados com delineado bem grosso chamada Lauren. Nos conhecíamos de vista desde a infância, por conta de uma ou outra festa de aniversário no Hollywood Bowl, mas enfim fomos oficialmente apresentadas pela Jess, uma amiga em comum, num jantar em uma das várias franquias de restaurante italiano que existem em Stanmore. O jeito como a gente se conectou de cara foi parecido com tudo a que eu costumava assistir nos filmes românticos que pas-

savam na TV. Conversamos até ficar com a boca seca, completamos as frases uma da outra, rimos tanto que as pessoas das outras mesas se viraram para olhar. Jess foi para casa e, quando Lauren e eu fomos expulsas do restaurante, ficamos sentadas num banco morrendo de frio só para continuar conversando.

Ela tocava guitarra e estava procurando uma cantora para começar uma banda, eu tinha cantado num evento meio caído em Hoxton e precisava de uma guitarrista. Começamos a ensaiar covers do Dead Kennedys em versão bossa nova no dia seguinte, no galpão da casa da mãe dela, e nossa banda ganhou o nome provisório de Raging Pankhurst. Depois, numa decisão mais questionável ainda, mudamos para Sophie Can't Fly. Nosso primeiro show foi num restaurante turco em Pinner, com apenas um cliente no salão lotado que não era nosso amigo de escola ou membro de alguma das famílias. Daí em diante nos apresentamos em todos os lugares mais conhecidos: na entrada de um teatro em Rickmansworth, num galpão abandonado no quintal de um pub em Mill Hill, no pavilhão de um clube de críquete nos arredores de Cheltenham. A gente colocava um chapéu no chão e tocava em qualquer rua em que não houvesse polícia. Tocávamos na recepção de qualquer bar mitzvá que aceitasse nos receber.

Também compartilhávamos um hobby que consistia num método pioneiro de transformar nosso MSN em conteúdo multiplataforma. Ainda no começo da nossa amizade, descobrimos que, desde a criação do MSN, nós duas vínhamos copiando e colando conversas que tínhamos com garotos num documento de Word, imprimindo e guardando as páginas num fichário para ler antes de dormir, como se fosse um

romance erótico. Gostávamos de pensar que éramos intelectuais, quase um grupo de Bloomsbury do MSN Messenger do começo dos anos 2000.

Mas, justamente quando fiz amizade com Lauren, saí do subúrbio e fui morar a 120 quilômetros ao norte de Stanmore, num colégio interno misto. O MSN já não era o suficiente para suprir a minha curiosidade pelo sexo oposto — eu precisava descobrir como os garotos eram na vida real. O cheiro de Polo Blue da Ralph Lauren impregnado numa cartinha de amor não me satisfazia mais, nem os bipes de notificação das novas mensagens no MSN. Fui para o colégio interno para tentar me acostumar com os garotos.

(Cá entre nós: graças a Deus tomei essa decisão. Farly ficou até o final do ensino médio preparatório na nossa escola só para meninas e, quando chegou na faculdade sem nunca ter tido contato com garotos, ela parecia um elefante numa loja de vasos de porcelana. Na primeira noite da semana de calouros houve uma "festa do semáforo", na qual solteiros tinham que usar verde e comprometidos, vermelho. Quase todo mundo entendeu que a ideia era usar uma camiseta verde, mas Farly chegou ao bar do alojamento estudantil usando legging verde, sapato verde, vestido verde e um laço verde gigante na cabeça, além de spray verde no cabelo. Se ela tivesse tatuado ESTUDEI NUMA ESCOLA SÓ PARA MENINAS na testa teria dado na mesma. Agradeço aos céus pela oportunidade de ter tido dois anos de treino de convivência mista no colégio interno, senão acho que eu também teria caído na armadilha do spray verde na semana dos calouros.)

Eis que descobri que eu não tinha absolutamente nada em comum com a maioria dos garotos e quase nenhum in-

teresse neles, a não ser quando queria beijá-los. E nenhum menino que eu queria beijar queria me beijar, então daria na mesma se eu tivesse continuado em Stanmore, cultivando uma série de relacionamentos que só existiam nos campos férteis da minha imaginação.

Espero muito do amor e atribuo a culpa dessa expectativa a duas coisas: a primeira é que sou filha de um casal tão apaixonado que chega a ser constrangedor, a segunda são os filmes a que assisti nos meus anos de formação. Quando criança, eu nutria uma estranha obsessão por musicais antigos e, depois de crescer viciada nos filmes de Gene Kelly e Rock Hudson, eu simplesmente esperava que os garotos se comportassem com aquela elegância, aquele charme. Mas a escola mista acabou bem rápido com esse sonho. Um bom exemplo foi minha primeira aula de política. Eu era uma das duas únicas meninas em uma turma de doze alunos, e nunca tinha estado com tantos garotos no mesmo ambiente na minha vida inteira. O mais bonito deles, que já tinham me informado ser o galã da escola (seu irmão mais velho, que se formara no ano anterior, tinha o apelido de Zeus), me entregou um pedaço de papel por baixo da mesa enquanto o professor explicava o que era o voto proporcional. O bilhete estava dobrado e tinha um coração desenhado na frente, o que me fez concluir que se tratava de uma cartinha de amor, por isso o abri com um sorriso tímido. Mas, quando desdobrei o papel encontrei o desenho de uma criatura, convenientemente acompanhado de uma nota que me informava ser um orc de *O senhor dos anéis*, e "PARECE COM VOCÊ" escrito embaixo.

Farly ia me visitar nos fins de semana e ficava babando pelas centenas de meninos de todas as formas e tamanhos

que andavam pela rua carregando bolsas esportivas e tacos de hóquei. Ela me achava muito sortuda por ter a chance de ficar perto deles nos bancos da capela toda manhã. Mas, fora da fantasia, achei os garotos um tanto decepcionantes. Eles não eram tão engraçados quanto as meninas que eu tinha conhecido na nova escola, nem tão interessantes, nem tão simpáticos. E, por algum motivo, eu nunca conseguia ficar relaxada perto deles.

Quando terminei o ensino médio, eu já não usava o MSN como antes. Meu primeiro trimestre na Universidade de Exeter chegou e, com ele, o advento do Facebook. Para quem queria conhecer caras pela internet, o Facebook era o mapa da mina — e dessa vez era melhor ainda, porque você tinha todas as informações mais essenciais reunidas no mesmo lugar. Eu vivia olhando as fotos dos meus amigos da faculdade e adicionava todos que achava bonitos — isso rapidamente se transformava em uma longa troca de mensagens e encontros marcados em uma das muitas festas temáticas programadas para aquela semana. Eu estudava num campus universitário numa cidade de Devon conhecida por sua catedral, não era difícil achar as pessoas. Se o MSN tinha sido uma tela em branco na qual eu podia espalhar minhas fantasias detalhadas, as mensagens de Facebook eram uma ferramenta de encontros puramente pragmática. Era assim que os alunos encontravam a próxima conquista e programavam a próxima noite de quinta-feira.

Quando terminei a faculdade e voltei para Londres, eu já tinha parado com a mania de entrar no Facebook e abordar possíveis casinhos do nada com a agressividade persuasiva de uma vendedora da Avon, mas um novo padrão come-

çou a surgir. Eu conhecia alguém através de uma amiga ou numa festa, pegava o contato da pessoa e passava semanas em uma relação epistolar por SMS ou e-mail antes de marcar um segundo encontro na vida real. Talvez fosse porque eu só tinha aprendido a conhecer pessoas dessa maneira, impondo uma certa distância entre nós, com espaço suficiente para que eu pudesse editar e filtrar a melhor versão possível de mim mesma — só as piadas boas, só as melhores frases, só as músicas que eu sabia que iriam impressionar meu pretendente, em geral enviadas pela Lauren. Em troca, eu mandava músicas para ela passar adiante para a pessoa com quem ela estava conversando. Uma vez ela comentou que a gente enviava músicas boas uma para a outra a preço de custo e depois repassava as mesmas músicas para os nossos paqueras como se fossem nossas, e com "margem de lucro emocional".

Essa forma de correspondência quase sempre acabava em frustração. Aos poucos, comecei a entender que é melhor que esses primeiros encontros aconteçam na vida real, e não por escrito, senão a discrepância entre o que você imagina que a outra pessoa seja e quem ela de fato é vai se tornando cada vez maior. Muitas vezes eu inventava uma pessoa na minha cabeça e criava uma química entre nós como se escrevesse um roteiro e, quando nos encontrávamos de novo, ficava muito decepcionada. Era como se, quando as coisas não saíam da maneira que eu esperava, eu imaginasse que ele deveria ter recebido uma cópia do roteiro escrito por mim e ficasse chateada porque seu agente obviamente tinha esquecido de entregar a ele para que decorasse as falas.

Toda mulher que passou seus anos de formação só com outras meninas por perto vai te dizer a mesma coisa: você

nunca deixa, de fato, de achar que os garotos são as criaturas mais fascinantes, encantadoras, nojentas e bizarras que já passaram pelo planeta Terra, tão perigosas e míticas quanto o Pé-Grande. Não raro, isso também significa que você está fadada a ser uma pessoa que vai passar o resto da vida fantasiando sobre as coisas. E teria como ser diferente? Passei anos a fio sentada em muros com a Farly, batendo os pés contra tijolos com meu sapato de sola de borracha grossa, olhando para o céu e tentando sonhar alto o suficiente para a gente se distrair da visão infinita de centenas de meninas andando ao nosso redor com o mesmo uniforme. Quando você estuda numa escola só para meninas, sua imaginação é obrigada a fazer um treino diário digno de atleta olímpica. Depois de tanto tempo utilizando a fantasia como mecanismo de fuga, é impressionante como você se acostuma com ela.

Sempre pensei que meu fascínio e minha obsessão pelo sexo oposto diminuiriam quando terminasse a faculdade e começasse a vida pra valer, mas mal sabia eu que, quando se tratava de conviver com homens, eu continuaria tão perdida aos vinte e tantos anos quanto daquela primeira vez que entrei no MSN.

Os garotos eram uma questão que eu levaria quinze anos para resolver.

Diário dos dates ruins: Doze minutos

O ano é 2002. Tenho catorze anos. Estou usando uma saia xadrez da Miss Selfridge, coturno Dr. Martens preto e um cropped laranja-néon.

O menino é o Betzalel, um conhecido da Natalie, minha amiga da escola. Eles se conheceram numa colônia de férias para crianças judias e desde então se falam pelo MSN e trocam "conselhos de vida e relacionamentos". Natalie está querendo arranjar amigas novas, porque acabou de perder as que tinha após espalhar um boato de que uma menina do nosso ano se corta, quando na verdade a menina só tinha dermatite, e eu sou uma das garotas com quem ela quer fazer amizade.

Ela sabe que estou atrás de um namorado, e por isso dá a ideia de fazer a ponte entre mim e o Betz pelo MSN. Eu não poderia estar mais satisfeita com esse acordo tácito pelo qual a Natalie vai me dar um garoto de presente se eu almoçar com ela de vez em quando.

Depois de um mês conversando pelo MSN todo dia depois da aula, Betz e eu estamos praticamente namorando.

Ele acha que todo mundo da idade dele é imaturo, assim como eu, e ele também é alto para a idade, assim como eu. Falamos sem parar sobre o que temos em comum, fazendo o assunto render ao máximo.

Marcamos um encontro num café no shopping Brent Cross. Chamo Farly para me acompanhar porque não quero ir sozinha.

Betz chega e não se parece nada com a foto que tinha me enviado — ele raspou todo o cabelo cacheado e engordou bastante desde a colônia de férias. Sentamos de frente um para o outro e nos cumprimentamos com um aceno. Betz não pede nada para comer.

Farly é a única que fala, enquanto eu e Betz ficamos olhando para o chão, constrangidos, quietos. Betz está carregando uma sacola — ele conta que acabou de comprar um VHS do *Toy Story 2*. Eu falo para ele que isso é coisa de criança. Ele diz que minha saia me faz parecer um escocês.

Eu falo para ele que a gente precisa ir embora porque temos que pegar a linha 142 de volta para Stanmore. O encontro dura doze minutos.

Quando chego em casa e entro no MSN, na mesma hora Betz me manda uma longa mensagem que sei que ele já tinha escrito no Word e copiado e colado na janela de bate-papo com a Comic Sans roxa em itálico que é sua marca registrada. Ele diz que me acha uma menina legal, mas não quer nada mais sério comigo. Eu falo que é uma grosseria ele escrever um discurso e ficar em casa me esperando ficar on-line, sendo que ele mora do lado do shopping e eu passei 25 minutos no ônibus para chegar em casa, só porque sabe que eu gostei menos dele do que ele gostou de mim e não queria que eu fosse a primeira a falar isso.

Betz me bloqueia durante um mês, mas depois acaba me perdoando. Nunca chegamos a marcar um segundo encontro, mas nos tornamos confidentes sobre assuntos amorosos até eu completar dezessete anos.

Já que estava livre da obrigação contratual, eu nunca mais almocei com Natalie.

Dolly Alderton sabe bem do que está falando. Ela sobreviveu aos seus vinte anos com dignidade (mais ou menos), e todo mundo que já passou (ou está passando) por essa década decisiva da vida sabe que chegar inteiro aos trinta é um feito e tanto. São muitas descobertas, experimentações, romances intensos, roubadas, porres homéricos, empregos estranhos, autossabotagem, foras destruidores, mágoas, humilhações e, o mais importante, amigos imprescindíveis que estão sempre ali para te ajudar a passar por todas essas coisas sem grandes traumas (ou quase isso).

Estreia da autora na literatura, *Tudo o que eu sei sobre o amor* acompanha a trajetória de Dolly da juventude à vida adulta. Uma espécie de *O Diário de Bridget Jones* da vida real, o livro traz um misto de sessão de terapia e muita fofoca. Dolly sabe navegar como poucos entre o trágico e o incrivelmente cômico de suas memórias sem dar chance para a nossa indiferença, com histórias impossíveis de não se identificar — por vezes tão insanas que poderiam ser ficção — e que traduzem de forma brilhante o verdadeiro caos que é amadurecer.

SAIBA MAIS:
https://www.intrinseca.com.br/livro/1183/